



Parceiros das Missões

Brasília - Agosto de 2016 - Ano V - N° 49

Leigas se encorajam para as missões

O apelo do papa para que leigos se engajem na ação missionária está sendo atendido em especial por jovens que corajosamente deixam seus amigos e familiares e partem para as missões (Pág. 4-5-6 e 7)

Guiné Bissau



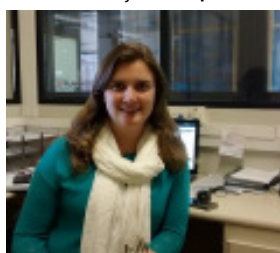
Elizete Toledo
Laranjeiras do Sul (PR)

Guiné Bissau



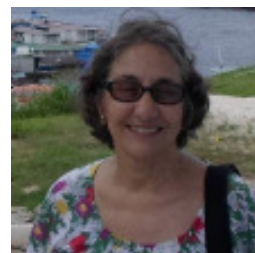
Maria M. Lúcio
Maringá (PR)

Moçambique



Victória Holzbach
Passo Fundo (RS)

Amazônia



Maria de Carvalho
Campinas SP)

Os 40 anos do martírio do missionário Pe. Rodolfo



O missionário salesiano Pe. Rodolfo morreu baleado, por fazendeiros, em Merúri - Mato Grosso, ao defender a terra dos Bororos.

(Pág.2)

Em Moçambique há estudo bíblico ecumênico

(Pág.10)



Pra começo de conversa

Uma notícia esperançosa é a participação dos leigos na vida missionária da Igreja. A cada ano que passa aumenta a adesão de jovens que vão dedicar parte de suas vidas para a missão. Lembra o papa que “o anúncio do Evangelho não é reservado a alguns “profissionais da missão”, mas deve ser o desejo profundo de todos os leigos. O Concílio não olha os leigos como se fossem membros de segunda categoria, a serviço da hierarquia e simples executores de ordens provenientes do alto, mas discípulos de Cristo. Ninguém melhor que os leigos pode desempenhar a tarefa essencial de inscrever a lei divina na

vida da cidade terrena”.

Esta consciência e maturidade da função do leigo na Igreja está sendo compreendida por jovens de nossas paróquias que gostariam de se engajar numa ação missionária. O que falta é organização e estrutura aqui no Brasil para o envio destes jovens. Nos últimos anos, diversas iniciativas foram tomadas, que deverão convergir para ampliar a presença da juventude na missão. Nesta edição, temos o testemunho de jovens que, em breve, estarão na ativa em diversos países levando a mensagem evangélica. Parabéns! O editor.

Homenagem ao mártir Pe. Rodolfo

No último dia 15 de julho, foram celebrados os 40 anos da morte de padre salesiano Rodolfo Lunkenbein e do indígena Simão Cristino Koge Kudugodu (Simão Bororo), assassinados por causa da luta pela demarcação da reserva de Merúri, em Mato Grosso. A Inspetoria Missionária Salesiana de Campo Grande (MS) e outros representantes de entidades eclesiais e da sociedade que trabalham em defesa dos indígenas participaram de celebração na reserva indígena Meruri, a cerca de 450 km de Cuiabá (MT), na diocese de Barra do Garças (MT).

“15 DE JULHO DE 1976! Dez horas e trinta minutos! No pátio da Missão Salesiana de Merúri, jaz um corpo. O jovem diretor da Missão, Pe. Rodolfo Lunkenbein, SDB, acaba de ser imolado por defender a comunidade indígena bororo no processo da demarcação do seu território.

Rodolfo nasceu no dia 1º de abril de 1939, na Alemanha. Seus pais, João e Maria Lunkenbein, eram pequenos agricultores. Um dia - Rodolfo estava na 5ª série primária - caíram em suas mãos alguns números do Boletim Salesiano: foi a descoberta de um mundo novo. O vigário deu-lhe de presente uma vida de Dom Bosco. A figura do santo impressionou-o de tal forma que o pequeno Rodolfo decidiu ser padre salesiano.

Em 1958 chegava a Mato Grosso o novo inspetor salesiano, Pe. João Greiner, alemão, trazendo de sua terra uma leva de jovens missionários, seminaristas e irmãos leigos. Com ele vinha também o jovem Rodolfo Lunkenbein. Nem salesiano era ainda: vinha fazer o noviciado no Brasil. A ótima saúde, a grande força física, a inteligência prática, a humanidade, a alegria e a disposição para o serviço, eram as ferramentas que trazia para seu primeiro e definitivo campo de trabalho missionário: Merúri.

Merúri era uma missão complexa onde, além do reduzido grupo indígena Bororo, havia um internato para meninos não-índios das fazendas e cidades que estavam surgindo na região.

O martírio cristão não é um acontecimento

repentino, imprevisto. É antes de tudo uma graça de Deus. É também o coroamento de uma vida de muito amor e compromisso com o Reino de Deus, no seguimento do Mártir Divino.

No dia da chacina, tinham os atacantes tomado o pátio da missão, para onde trouxeram preso um dos grupos que estava fazendo a demarcação. O diretor se achava no campo com um grupinho de Bororos iniciando uma lavoura de arroz no cerrado para o sustento da comunidade indígena. Foi

chamado com urgência e, ao chegar à missão, percebeu que havia chegado a sua hora. Estavam diante dele os que lhe tinham jurado morte e alguns pistoleiros conhecidos na região. Procurou acalmar os ânimos.

A resposta à atitude pacificadora do Pe. Rodolfo foi a violência contra ele, por palavras e ações. Testemunhas oculares contam que, quando o chefe dos atacantes puxou o revólver para atingir o padre, o capitão bororo, ali perto, quis segurá-lo para impedir o crime, mas foi baleado pelas costas deixando-o sem sentidos. O padre, já atingido no estômago, levou a mão

à ferida, levantando o braço esquerdo para pedir calma. Seguiu-se, porém, um segundo tiro, sob o braço esquerdo, e um terceiro, no coração. Os poucos índios presentes, atarantados pelo súbito ataque, não puderam, como é fácil imaginar, nem defender-se, nem defender o sacerdote. Um deles, o bororo Simão, teve as entranhas rasgadas por uma faca e à mãe, que ocorrera a socorrê-lo, lhe cravaram uma bala no peito. Rodolfo é logo atendido pelas mulheres presentes e a enfermeira Irmã Margarida, mas morre segundos após. Simão Bororo também morreu. O padre morreu por defender a terra dos índios e o Índio por defender a vida do padre.

Pouco depois da morte do Pe. Rodolfo e Simão, a área bororo de Merúri foi demarcada. A comunidade indígena conseguiu a posse e o uso exclusivo de sua área. O martírio de Rodolfo e Simão refloresce na vida e é celebrado todos os anos na lembrança de todos os cristãos”.

Texto retirado do livro do Pe. Gonçalo Ochoa, SDB: *Pe. Rodolfo Lunkenbein: uma vida pelos índios de Mato Grosso*.



Moçambique receberá quatro religiosas

Durante a Assembleia da CRB, realizada em Brasília, em julho passado, foi celebrado o envio de quatro religiosas para a diocese de Pemba, em Moçambique.



A nova comunidade intercongregacional será composta pelas Irmãs Ana da Glória, da Congregação das Franciscanas Penitentes Recoletinas; Irmã Neusa Aparecida Bernardo, da Congregação das Franciscanas da Penitência; Francisca da Silva Maia, da Congregação das Cordimarianas e Telma Silva de Oliveira, da Congregação das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima. Irmã Ana da Glória vai para além-fronteiras encorajada pelas palavras de Jesus “vamos para outra margem”. Já Irmã Neusa revela que ir para a África é um sonho que alimenta desde criança e que agora se torna realidade. Inspirada na devoção a Maria, Irmã Francisca da Silva Maia quer “ser sinal da ternura do coração de Maria para aqueles que estão sofrendo. Ela afirma que este gesto foi o grande ofertório da Congregação que neste ano celebra o centenário e quer dar passos novos, alargar a tenda, ousar, comprometer-se com a vida, principalmente onde ela está muito ameaçada. Irmã Telma Silva de Oliveira diz sentir-se preparada para a missão, pois a oração pessoal, a sua relação íntima com Deus e o diálogo com a Congregação a tem confirmado neste caminho.

O cuidado dos pobres, a misericórdia como razão de ser da missão, o risco do funcionalismo, a unidade e a feminização da missão foram elementos destacados pelo presidente da Conferência nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Sérgio da Rocha, durante a celebração.

O cuidado dos pobres

Dom Sérgio fez memória sobre a missão da Igreja que é servir os mais pobres, mais sofredores, descartados pelo mercado. São estes irmãos e irmãs que deveriam receber o nosso amor no serviço efetivo. Não podemos cair na tentação de viver para nós mesmos, de perpetuar estruturas e prestar serviços como se fôssemos funcionários de instituições, mas colocar no centro Jesus Cristo e, a partir dele, firmar a centralidade da nossa missão. Necessitamos de gestos concretos de proximidade com os que mais sofrem. Temos a graça de enviar em missão Irmãs que participam da vida da nossa Igreja, da Vida Religiosa do Brasil.

Missão e misericórdia

Temos a graça desse envio missionário neste contexto do ano da misericórdia para recordar que cada um de nós é chamado a ser sinal da

misericórdia de Deus, ter um coração de misericórdia. Sabemos que para dar, de fato, aos pequeninos a verdadeira atenção precisamos viver a misericórdia na missão. Não é possível ser Igreja missionária sem misericórdia e ser a Igreja da misericórdia sem a missão.

A VR deve ser epifania da misericórdia de Deus sendo missionária, porque não é possível somente cultivar sentimentos de misericórdia sem traduzir essa compaixão em gestos e iniciativas efetivas que não são apenas de caráter pessoal, mas comunitário.

O risco do funcionalismo

Parafrazeando o papa Francisco, dom Sérgio alertou para o risco do funcionalismo na Vida Consagrada. “Há o risco de criarmos estruturas que crescem, a elefantíase, e muitas vezes se deixando levar por um esquema que não tem a ver com o serviço, mas com a o esquema empresarial. A lógica do mercado não tem a ver com a encarnação do Verbo que é a gratuidade, a simplicidade. Temos que pedir a graça para não perdermos estes valores em vista da missão da Igreja”.

A unidade

“Que possamos caminhar juntos com o episcopado. Quando nos unimos como temos feito até agora, aparece o vigor, a beleza da comunhão. Agradecemos a Deus pela a comunhão existente entre nós, a qual tem sua fonte na comunhão eucarística”.

A feminização da missão

“A Igreja sempre contou com a presença de homens e mulheres na missão e historicamente ela é marcada pela ação de religiosos e religiosas. Este envio faz pensar na importância das mulheres na Igreja, de modo particular, a Vida Consagrada e a grande contribuição que elas tem dado na transmissão da fé e na animação missionária. Contamos com toda a Igreja mas sentimos que agradecidos com a presença das mulheres que tanto fazem em nossas comunidades e aquelas que abraçam a Vida Consagrada e agora são enviadas em missão. São testemunhas do vigor da própria Igreja através da participação de cada uma delas”.

Rosinha Martins, assessoria de comunicação da CRB

Guiné-Bissau recebe missionária leiga do Paraná



O envio de Elizete Toledo

No último dia 10 de julho, uma missa foi celebrada na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, capela que pertence à paróquia Sant'Ana, em Laranjeiras do Sul (PR). A celebração marcou o envio da missionária Elizete da Aparecida Toledo à Guiné Bissau para trabalhar na diocese de Bafatá, na cidade de Quebo, pelo período de três meses.

A missionária que embarcou para o país africano no dia 26 de julho, ajudará, por na missão da Igreja Católica mantida pelo Regional Sul 2 da CNBB naquele local. Elizete é profissional da área de enfermagem e pedagogia e pretende aplicar seus conhecimentos junto àquela comunidade no sentido de suprir parte de suas carências, uma vez que a Guiné Bissau figura entre os países mais pobres do mundo.

Em entrevista, a missionária contou que se sente muito feliz por poder colaborar com as pessoas daquele país. Ela destaca que participar de uma missão fora do Brasil há muito que faz parte dos seus sonhos. “Há muito que tenho este desejo. Sinto-me preparada para este desafio e quero colaborar com a Igreja nos mais diferentes lugares. Sob a intercessão de Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Belém e sob todos os títulos, me consagro a ela e também esta missão, que não é minha é de seu Filho Jesus que se serve de mim para anunciar que Deus é misericórdia como um dia alguém o fez comigo”, destacou Elizete. “A missão tem pressa, tem urgência. Precisamos sair do nosso comodismo, da nossa zona de conforto e ir ao encontro daqueles que mais necessitam, daqueles que estão à espera de alguém que lhes anuncie o amor de Deus, que lhes anuncie mais com testemunho que com

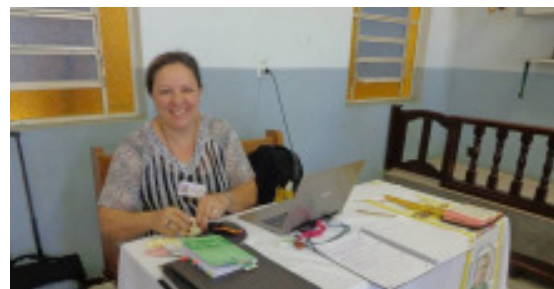
palavras. Uma Igreja em saída é o que nos pede Jesus ao enviar os apóstolos, uma Igreja em saída é o que nos pede o Papa Francisco. Mesmo com nossas dificuldades e limites, precisamos sair das quatro paredes da sacristia, sair do discurso e concretizar nossa missão de batizados: ser e fazer discípulos missionários”- enfatizou a missionária.

Durante a celebração de envio da missionária, que contou com a presença dos padres Carlos de Oliveira Egler, pároco da paróquia Nossa Senhora de Fátima em Guarapuava e Itamar Abreu Turco, coordenador da Ação

Evangelizadora de do Centro Diocesano de Comunicação, além de parentes, amigos e membros do grupo Leigos Missionários Xaverianos do qual Elizete faz parte. Todos rezaram pela voluntária. Eles também destacaram que ela está seguindo os passos de Jesus Cristo e indo ao encontro de quem mais precisa de seus serviços evangelizadores. “Você está indo realizar o mandato de Jesus Cristo em nome de um povo além-fronteiras. Aqui, cada um de nós continuará rezando com a mesma alegria de ser missionário em nossas comunidades”, escreveu Artidonio Rodrigues Silva na página da internet de Elizete.

A missionária, que conversou com o bispo diocesano Dom Antônio Wagner da Silva sobre os trabalhos missionários que pretende desenvolver, informou que depois desta etapa de três meses, pretende partir para um período missionário mais longo no continente africano. Ela classifica como necessário o trabalho que deve ser realizado além das fronteiras do país.

Para o bispo de Guarapuava, Dom Antônio Wagner da Silva, incentivar os trabalhos missionários



“Precisamos sair do nosso comodismo

e promover o envio de pessoas da comunidade a outras regiões que precisam dos serviços, se faz necessário. Dom Wagner destaca que “é hora de darmos da nossa pobreza ao mundo. Nossa diocese foi marcada por receber missionários que vieram evangelizar por aqui e deixaram seu legado. Muitos ainda virão para trabalhar nesta região numa união cristã e de muito amor. Mas agora, também temos

condições de enviar nossos missionários para atuar em outras terras, viver novas experiências. Há alguns anos, mantemos uma missão na diocese de São Félix do Xingu onde nossos padres desenvolvem um grande trabalho junto àquela comunidade e agora, temos a oportunidade de enviar uma missionária além-fronteiras”.

Arquidiocese de Maringá envia missionária leiga para Bafatá - Guine-Bissau

O Paraná está enviando mais uma missionária leiga para Guiné Bissau. É a jovem Maria Madalena Lúcio, que ouviu o chamado de Cristo para evangelizar. Desta forma, mais leigos se engajam na ação missionária ad gentes.

Nasceu no coração de Maria Madalena Lúcio, o grande desejo de ser missionária além-fronteiras. Em agosto de 2015 participou do curso “Ad Gentes” no CCM (Centro Cultural Missionário) em Brasília, dando os primeiros passos e buscando um conhecimento mais profundo da dimensão missionária.

Em novembro de 2015 realizou sua primeira experiência, um trabalho com um grupo de pessoas: Irmã Vera Palermo (Salvatoriana) de Campinas; Honeide Lima, da Paróquia São Judas Tadeu, Maringá, e Maria Madalena Lúcio. Foram dez dias de missão na Amazônia, na comunidade Santa Rosa no Rio Médio Içana, que é um braço do Rio Negro. A equipe foi acolhida por Dom Edson Damian em São Gabriel da Cachoeira (AM), para depois seguir para as comunidades. Em fevereiro de 2016, realizou uma nova experiência em Sinop MT. Foi acolhida pelas Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, para sentir de perto, como é fazer missão e viver em comunidade.

Agora, mais do que nunca, de malas prontas, quer enfrentar esse novo desafio, conviver com os guineenses, em Bafatá.

Maria foi sempre fiel nas reuniões de atividades do Comipa e Comidi, sendo também o braço direito da Pascom Catedral, sempre que possível participando das atividades e organizando cursos na área de comunicação.



A missionária conta com a bênção e envio de Dom Anuar Battisti, arcebispo metropolitano de Maringá e todo apoio e suporte do Comidi, na pessoa de Pe. Emerson Cícero de Carvalho, assessor da dimensão missionária na Arquidiocese.

A diocese de Bafatá é presidida por Dom Pedro Zilli, brasileiro. As dioceses do Paraná colaboram estreitamente com esta diocese enviando missionários e missionárias consagradas para a Missão naquelas paróquias. Também está aberta para o trabalho dos leigos em escolas e comunidades. Em Bafatá na missão católica trabalha o casal de leigos Pedro e Salete Lang.

Pedrina Souza - Pascom Catedral e membro do Comidi.

Missionária leiga dedica-se a formar catequistas indígenas na Amazônia

A professora Maria Soares de Camargo, leiga missionária de Campinas (SP) trabalha há seis anos na diocese de São Gabriel da Cachoeira pelo Projeto na Amazônia entre os Regionais Sul 1 - Norte 1 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

“Em 2014, tive a oportunidade de acompanhar dom Edson Damian, nosso bispo aqui na diocese de São Gabriel da Cachoeira (AM), em suas viagens às paróquias do Alto Rio Negro, na região Amazônica, para colaborar com o trabalho de catequese inculturada indígena.

O processo que já vinha sendo desenvolvido há alguns anos nesta diocese, conhecida por ser a porção mais indígena do Brasil, tomou novo impulso com a elaboração, a partir dos próprios indígenas, de roteiros catequéticos incorporando valores tradicionais de suas culturas.

Denominado “A Boa-Nova das Culturas Indígenas acolhe a Boa-Nova de Jesus”, esse projeto vem sendo levado adiante pelos catequistas indígenas, mas a publicação do conjunto de roteiros aguarda ainda recursos para sua efetivação. Dom Cláudio Hummes, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Amazônia da CNBB, participou da semana catequética no povoado de Iauaretê e incentivou o encaminhamento ao Vaticano do pedido de celebração da Eucaristia em língua tukano, majoritariamente falada na região.

Desde 2015 estou me dedicando à evangelização nas comunidades ribeirinhas na região do Médio e Baixo Rio Negro, tendo como base a paróquia correspondente ao município de Barcelos, com cerca de 25 mil habitantes. Trata-se da segunda paróquia mais extensa do Brasil.

A cidade abarca uma realidade complexa, com



Professora ajuda na formação de catequistas indígenas

turismo sazonal de pesca esportiva, o que significa um turismo feito por homens, em geral de meia idade, que viajam sem a família e dispostos a aventuras diversas. A prostituição cresce imensamente no verão, e registram-se casos comprovados de tráfico de meninas. Também o tráfico de drogas é relevante, notando-se aumento gradativo da violência criminal. As raízes culturais indígenas continuam visíveis, mas poucas pessoas mantêm as línguas originais.

A miscigenação é o denominador comum, inclusive em muitas comunidades ribeirinhas que compõem o município. São aproximadamente 45 comunidades, e mesmo aquelas que se declaram indígenas já deixaram de falar suas línguas nativas e sofrem a influência da modernidade. Tradicionalmente católicas, as comunidades têm recebido muitas Igrejas evangélicas já consolidadas na cidade de Barcelos. Este ano, as Testemunhas de Jeová priorizaram o Rio Negro. Só para Barcelos destacaram 400 missionários que se revezam a fim de manter a permanência de cerca de 40 missionários por mês. Não existe catequese católica organizada nas comunidades, e poucas se reúnem regularmente para a celebração da Palavra de Deus.

Nosso trabalho consiste em procurar formar catequistas e ministros da celebração, passando alguns dias nas comunidades que os desejam. A paróquia local proporciona a cada ano uma semana de formação denominada Encontro Eclesial de Ribeirinhos (EER), sendo que um padre visita todas as comunidades ao menos uma vez por ano, administrando os sacramentos e fazendo o acompanhamento possível. São as chamadas itinerâncias, das quais tenho participado desde que aqui cheguei e espero continuar a fazê-lo até o final de meu período de missão, se Deus quiser”.



Moçambique espera a missionária leiga de Passo Fundo (RS)



Jornalista Victória

A jornalista Victória Holzbach vai deixar, por três anos, sua profissão e embrenhar-se em Nampula (Moçambique) para colaborar na ação missionária da Igreja naquele país. Eis sua entrevista concedida ao Regional Sul 3 para o jornalista Judinei Vanzeto.

RS3: Quem é você, sua profissão?

Meu nome é Victória Holzbach e tenho 25 anos. Sou jornalista da arquidiocese de Passo Fundo (RS). Trabalho também na articulação da Pastoral da Comunicação (Pascom). Esse desafio da missão vem ao encontro também da minha profissão, especialmente no sentido de tornar o projeto ainda mais conhecido, divulgado. Que o jornalismo esteja a serviço da missão no sentido de motivar ainda mais pessoas de nosso Regional para participar de um projeto missionário.

RS3: Como e quando começou participar e se envolver na Igreja?

Comecei a me envolver na Igreja desde o meu batismo. Fui batizada, enfim, cresci na Igreja. Depois fiz catequese na Catedral Nossa Senhora Aparecida, em Passo Fundo. Mas o meu envolvimento aconteceu de forma mais efetiva pelo CLJ (Curso de

Liderança Juvenil) e depois, em um outro aspecto, a partir do trabalho na Caritas Arquidiocesana, que entrei como estagiária quando comecei a Faculdade de Jornalismo.

RS3: Conte um pouco sobre seu desejo missionário e como foi acontecendo o processo ao ponto de decidir partir em missão.

O desejo da missão, mas mais do que isso, o assumir a missão como meu projeto de vida, aconteceu quando percebi e comecei compreender que Deus não tinha me feito só para ser jornalista ou só para trabalhar no jornalismo. Percebi e entendi que o desejo D'Ele era muito maior para mim e, de forma especial, no sentido de oferecer a minha vida a serviço das outras pessoas. Servir a partir das necessidades delas e não do meu

desejo. Esse é um dos maiores desafios da missão que tenho rezado neste tempo de preparação. O processo aconteceu de forma natural, através do meu envolvimento na Pastoral de Comunicação do Regional Sul 3, nas reuniões de organismos e nas assembleias do Regional. Também do acompanhamento do Conselho Missionário Regional (COMIRE) e das conversas com dom Jaime Pedro Kohl, que fomos amadurecendo o desejo. Além disso na arquidiocese, com as pessoas próximas e as ponderações de dom Rodolfo Weber, nosso arcebispo. Ele me ajudou a refletir uma série de coisas e perceber o que já estava maduro e o que ainda precisava ser discernido.

RS3: Quando partirá para a missão na arquidiocese de Nampula, norte de Moçambique, na África?

Minha partida para Moçambique está marcada para o dia 12 de setembro de 2016. Vou acompanhada por dom Jaime Kohl, que fará uma visita à comunidade missionária. Mas antes disso passarei de 31 de julho a 27 de agosto no Centro Cultural Missionário, em Brasília, fazendo um curso preparatório e aprofundando as dimensões da missão, a realidade, o que nos motiva. Também amadurecer ainda mais esse projeto.

RS3: Quais são as expectativas?

As expectativas são as mais diversas. Às vezes são também de medo, de receio, de angústias. Às vezes de muita alegria. Mas ainda é um tempo de bastante amadurecimento e de se perceber neste caminho que agora se torna concreto. Mas a minha grande expectativa é poder servir a partir da realidade do

povo e suas necessidades. Não tenho expectativa de levar algo comigo ou de repassar um conhecimento meu, mas sim de servir naquilo que eu possa contribuir lá.

RS3: O que a família e amigos disseram quando ouviram sua notícia de partir em missão *Ad Gentes*?

A minha família, meus amigos, meu namorado e as pessoas que me acompanham e que convivem comigo reconheceram muito do meu desejo, não só agora, mas que já vem de mais tempo. Sabiam que este era o meu projeto de vida e me apoiaram. Esse tempo me fez aprender o que de fato significa o amor. Perceber que quando se ama alguém não significa prender aquela pessoa, mas desejar que ela seja feliz. Às vezes a gente brinca que “aquele que ama é o que fica junto nas dificuldades”. Nesse tempo compreendi que não. Na verdade ama aquele que apoia inclusive quando vai ficar longe e vai sofrer de saudades. A gente vai sentir falta, claro, pela relação cultivada com as pessoas. Mas quem me quer bem compreende o quanto este projeto é importante para mim. Esse apoio vem fortalecer ainda mais a missão. Faz perceber o quanto Deus é bom por permitir que essas pessoas sejam também apoio para minha missão.

RS3: Afinal de contas, o que é missão para você?

Missão é serviço. E servir com amor. Primeiro servir no sentido de se colocar à disposição. Mas se colocar à disposição para as necessidades do outro, mesmo que talvez não seja aquilo que eu ache que é necessidade. Aí entra o amor. Compreender que o outro precisa de você mesmo quando você acha que não. A necessidade de cada um, os anseios, as angústias, as alegrias também se tornam minhas quando me disponho a partir em missão. Isso é bonito porque sempre percebi e continuo percebendo a missão dessa forma. Eu me faço, me construo, me reconheço como Victória a partir da experiência com o outro. Mas de forma especial do serviço a ele. Inclusive sempre pensei que foi para isso que Deus me fez. Não seria criatura, filha de Deus, se não pudesse servir, ajudar alguém a partir do dom da minha vida.

RS3: Deixe uma mensagem aos jovens sobre a vida em missão.

Viver uma missão *Ad Gentes* é também carregar comigo as pessoas que conheço - especialmente jovens - que na minha arquidiocese me falam e me falaram que desejavam também viver uma experiência assim. Eu sempre tento responder que não é impossível, como não foi para mim. A minha principal mensagem é dizer que os sonhos se tornam reais quando nos permitimos reconhecer que talvez o projeto de Deus para nós seja um pouco diferente

do que o “normal”. Por muito tempo na minha vida imaginei que só seria possível viver uma experiência de missão ou servir sendo religiosa. O tempo de Deus me fez ver que não. Que os projetos D’Ele são muitos diferentes daquilo que a gente imagina e vão muito além das caixinhas que a gente costuma colocar. É preciso se desafiar a sonhar um projeto de vida além daquilo que você já conhece e que as outras pessoas já têm. Deus tem um projeto para cada um. A gente precisa ter a coragem de viver e



“Missão é servir. Servir com amor”

acreditar que é possível, pois Ele não sonharia algo que não fosse realizável.

RS3: Para finalizar, o que ainda gostaria de dizer que não foi perguntado?

Concluo lembrando que a missão não é feita somente a partir dos pés daqueles que partem ou das mãos daqueles que trabalham. Eu e tantos outros missionários contamos com as orações das pessoas que acreditam nesse projeto de Igreja e de Reino. Também precisamos daqueles que se empenham nas doações, porque a missão não aconteceria se dependesse somente das orações ou dos pés do missionário que parte. A missão precisa ser mantida de alguma forma. É bonito perceber que aquela pessoa que doa e que acredita na missão também se torna um missionário. Se ela não pode partir e empenhar sua vida em outras realidades, pode ajudar rezando e auxiliando na manutenção deste e de outros projetos missionários.

Pe. Sávio: um descanso merecedor depois de 46 anos de missão no Brasil

“Na vida missionária é possível ser útil mesmo estando doente, idoso ou fisicamente limitado”. É bem provável que algumas pessoas perguntem por mim. Afinal, sai da Terra da Santa Cruz sem despedir-me de tantos amigos e amigas que ganhei ao longo dos 46 anos que tive a graça de viver nesse país.

Moro na cidade de Parma, norte da Itália, no “Quarto Andar”, uma espécie de hospital de longa permanência, na Casa Mãe dos missionários Xaverianos. O local foi reestruturado para acolher missionários idosos e doentes que precisam de especial atenção. O Centro que os Xaverianos familiarmente apelidaram de “Quarto Andar” dispõe de 25 vagas, para missionários Xaverianos vindos dos vários países nos quais a congregação tem missões.

No “Quarto Andar” os missionários vivem uma intensa vida comunitária que leva em conta as limitações de cada um, mas não permite que ninguém se sinta esquecido ou deixado de lado. É uma vida que inclui momentos de oração em comum (Laudes, Eucaristia, Rosário), reuniões diárias sobre vários temas, fisioterapia e terapia ocupacional sob a orientação de técnicos leigos. Ainda sobra bastante tempo para atividades pessoais.

A direção do “Quarto Andar” é confiada a uma equipe de Xaverianos que doam alguns anos de suas vidas para ajudar os doentes e os idosos. São estes confrades que planejam as atividades e ajudam a realizá-las.

A execução das tarefas da casa - enfermagem, alimentação, limpeza, serviços gerais - é confiada a funcionários contratados.

Um grupo de voluntários e voluntárias também colabora, dando algumas horas do seu tempo no que for preciso para tornar mais agradável o dia a dia dos residentes. Entre os voluntários há estudantes de teologia e outros missionários que vivem nos andares inferiores do edifício. Sempre que suas atividades lhes permite eles vão dar uma mão: empurrar a cadeira de rodas de um doente, dar de comer a outro ou simplesmente conversar e desejar um bom dia...

Sem esquecer a equipe que trabalha no subsolo da Casa Mãe que, três vezes ao dia, envia um carrinho de comida quente e saborosa que é servida a todos os residentes no “Quarto andar” sob a supervisão da equipe médica da casa.

Para o atendimento médico especializado (consultas, exames, etc.) a direção recorre aos serviços de saúde pública da cidade. O trabalho de medicação, acompanhamento diário e supervisão fica por conta da equipe médica da casa.

Minha saúde? O mal de Parkinson está avançando, lenta e irregularmente. Dizem que meu aspecto está muito melhor, comparado com o começo do ano. O tremor e a rigidez vão oscilando ao longo



Pe. Sávio

do dia. O maior problema é a dificuldade de comandar as pernas e ser por elas obedecido. Há momentos em que quase esqueço o mal e me movimento como se estivesse livre dele. E há horas em que, para me locomover, preciso utilizar a bengala ou a cadeira de rodas.

Quanto ao resto, sou ainda autossuficiente embora encontre cada vez mais dificuldade para usar o computador (digitar, mover o mouse, arquivar, salvar, ler na tela ou simplesmente aceitar um convite para uma conversa no Skype...). Mas ainda não entreguei os pontos...

Estou tentando aprender a viver esta nova fase da minha vida, toda ela cheia de limitações impostas pela doença e a velhice. Com uma certeza: na vida missionária é possível ser útil mesmo estando doente, idoso ou fisicamente limitado.

Lembro o que Jesus dizia a São Pedro: “Quando você era jovem, você costumava vestir-se e ir para onde queria; mas quando fores velho, estenderás as mãos, e os outros vão vesti-lo e levá-lo onde você não quer” (Jo 21,18). Dou graças a Deus por receber tantas atenções e tanto carinho. Oxalá, todo o mundo tivesse as mesmas regalias”.

* Padre Sávio Corinaldesi, missionário Xaveriano, trabalhou por 46 anos no Brasil, 13 dos quais, na Equipe das Pontifícias Obras Missionárias em Brasília (DF). E-mail: saviocor91236@gmail.com

Centro Santa Bakhita em Moçambique realiza eventos bíblicos ecumênicos

Pelo terceiro ano consecutivo o Centro de Promoção Humana Santa Bakhita - CPHSB, de Namina, Moçambique recebeu em suas instalações a formação bíblica da Rede Bíblica Emaús, nos dias 04 a 09 de Julho. Foi à conclusão de um ciclo e por conta disso houve a entrega dos certificados. A informação é da religiosa capuchinha, Ir. Davina Coelho, coordenadora do Centro.

Revelou que dessa vez não esteve o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) do Brasil, mas a presença do Pastor Hette Dombourg, um dos idealizadores do movimento, que nos premiou com a sua participação alegre, simples e questionadora.

Durante uma semana, os 35 participantes rezaram estudando e estudaram rezando a Bíblia na metodologia popular ou Leitura Contextual da Bíblia. Tudo parecia um sonho longínquo que agora foi realizado.

A comunidade de Namina, em toda sua extensão não possuía biblioteca e local onde pudesse se reunir para aprender a fazer medicamentos à base de erva, alimentação alternativa e reforço escolar.

A presença de muitas crianças nos encontros e a perambular pelas ruas nos questionava a buscar um espaço e material para lhes ajudar no seu processo de crescimento humano.

Assim, decidimos buscar parcerias e apresentamos nosso projeto que foi aprovado na íntegra o que nos permitiu ampliar um pouco mais os espaços de atuação.

Primeiro, construímos o espaço para biblioteca, reforço escolar e medicina verde. Depois ampliamos os ambientes para estudo bíblico ecumênico e inter-religioso, artes manuais, encontros de áreas e Lijomóvel (Livros e Jogos Móveis). Com aquisição do carro pudemos chegar

até as comunidades e encontrar com os pais, as mães e crianças...

Nova cerca



Novos espaços para crianças

O Centro de Promoção Humana “Santa Bakhita” foi ameaçado por assaltantes, três vezes, no início do ano de 2015. Ficamos com medo e preocupadas com a segurança das pessoas e bens adquiridos com tanto esforço e comunhão dos nossos parceiros. A cerca de vedação era de bambus rachados amarrados com cordas o que representava uma fragilidade diante das facas e catanas dos ladrões.

Assim, a partir do nosso pedido e preocupação a Misereor nos ajudou e construímos uma cerca melhorada. Depois da cerca não tivemos mais ameaças e podemos receber nossas crianças aos sábados bem como os demais grupos, além de que os bens adquiridos estão mais seguros. Foram 250 metros de cerca de cimento, pedras, redes de tubulação e arame farpado.

“Optamos por esse material porque não queríamos nos isolar dos vizinhos, mas nos proteger um pouco, dos assaltantes. Outra coisa boa foi que pudemos cuidar da nossa horta medicinal sem preocupações com os animais que costumavam entrar e estragar umocado”, explicou Ir. Davina



A comunidade na horta



Nova cerca de arame